

A
PELE
DA
CASCA
DA
MADEIRA

George B. de Andrade

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2018



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B869p B. de Andrade, George. 1977–
A pele da casca da madeira / George B. de Andrade – Penalux:
Guaratinguetá, 2018.
170 p.: 21 cm.
ISBN: 978-85-5833-361-0
1. Poesia I. Título

CDD B869.91

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Um burro humanizado

O burro empacou na ponte.
O homem estalou o chicote.
O burro franziu a fronte,
O homem chutou-lhe o pote.

O burro em teimosia,
O homem não entendia,
O burro não se sabia,
O homem desentendia.

O burro já em sangria,
O homem não desistia,
O burro chorava lágrimas,
O homem cuspiu lástimas.

O burro estava cansado, velho e maltratado,
O homem estava pilhado, disposto, mas atrasado.

O burro aposentado,
O homem desempregado.

O burro já de joelhos,
O homem em desespero,

O burro relincha mocho,
O homem grita *arretado*.

O burro não entendia,
A brutalidade do homem,
Que não se compadecia,
De um burro humanizado.

O homem injuriado,
Rogava pragas e só batia,
Nas pernas e lombo do animal,
Para ver se lhe demovia.

O burro não compreendia,
O homem brutalizado,
Um ser animalizado,
Com pontapé e selvageria.

O burro humanizado,
Chorou até o fim do dia,
Com os lombos todos lanhados,
Disseram “Ave Maria!”

O homem contrariado,
Contava os prejuízos,
Da carga que adiava,
Levar pelo São Francisco.

O burro expirou de morte,
No fim do morrer do dia,
Sem entender o porquê,
De ter tido tão pouca sorte.

O homem acinzentado,
Parecia mais um burro,
Mais burro do que um burro,
Se desfigurava em coisa.

O burro humanizado,
Mais afigurado à gente,
Dormia bem sossegado,
Entendendo mais que gente.

O homem afivelou as sandálias,
E foi arrastando a carga,
Deixou o companheiro dormir,
Sono eterno sem mortalha.

E ninguém nunca soube a razão,
Do que faz um burro ser burro,
Ou do que faz um homem ser homem,
Ou o que é que o burro tem, que faz o burro ser burro.
(As coisas não estão cheias de seus nomes)

E assim,
O homem virou *em burro*,
O burro virou *em homem*,
O homem brutalizado,
O burro humanizado.

Dois homens deitados na cama

PARA DODE.

Dois homens estão deitados na cama.
Dormem. De boca aberta ressonam um pesar, uma alegria.
Dois homens estão deitados na cama?
Sim, e se amam, se abraçam e se enternecem.
São cúmplices de um crime perfeito,
cometido há gerações, há séculos.

Dois homens estão deitados na cama.
Um é grande, o outro é pequeno,
Um está velho, o outro é menino.
Um já passou pela vida, o outro não viveu.
Estão enredados na cama, nas fronhas do
tempo, entre os lençóis da existência.

Dois homens estão deitados na cama.
Dois homens estão deitados na cama?
Sim, um é moço, o outro está gasto,
Um sonha ser menino, o outro em ser homem.
Um está esperando a morte, o outro aguardando a vida.

Dois homens estão deitados na cama.
Um está farto de dias, tem o rosto vincado de
pesares, tem a pele queimada de sol,
O outro não tem marcas de um passado no
rosto, é viçoso, alvo, ansiando pelos dias.
Um tem medo e envelhece, o outro, intrépido,
pronto pra pular de um abismo, remoça.
Dois homens estão deitados na cama?

Dois homens estão deitados na cama.
Um cresce, o outro decrece.
Um se arrepende e faz preces, o outro é só instinto e se envaidece.
Dois homens estão deitados na cama?
Ou são dois meninos no avesso da idade?

Dois homens estão deitados na cama.
Um desejando ser homem, o outro sonhando em ser menino,
Como réplicas de números desiguais, se espalham
em pés, mãos, bocas, olhos, narizes...
Dois corações em ritmos tão *disrítmicos*,
um bate lento, o outro acelerado.
Um pede pouco da vida, o outro grita!

Dois homens estão deitados na cama.
Um é maligno, mal, envilecido, o outro é ingênuo,
puro, quase um cordeiro a imolar.
Dois homens estão deitados na cama?
Um está pronto, ainda que mal acabado, o
outro é projeto, é arquitetura em papel,
Um é argamassa, é cimento e tijolos, o outro é
planta, esboço, pensamento e quimera.

Dois homens estão deitados na cama.
Num furtivo encontro de tempo de gerações distintas.
Mas em alguma coisa eles se parecem, se encontram,
Talvez pela mesma mulher que amam,
Dois homens estão deitados na cama.

Dois homens estão deitados na cama.
Para um não há mais mistério, para o outro o mundo
é um imenso segredo a ser desvendado.
Um já não ri e só suspira triste, o outro é bocarra cheia de
dentes, a sorrir impunemente até do vento que passa.
Um é tenso, cansado e já não se deixa aprender mais
nada, o outro é relaxado e cheio de força, vibrante
e parece uma esponja a absorver o mundo.

✉ georgebrnzeado@gmail.com